

# JORNAL DO BRASIL

Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito

Diretor: Bernard da Costa Campos

Diretor: J. A. do Nascimento Brito

Diretor: Walter Fontoura

Editor: Paulo Henrique Amorim

## Mal <sup>economia Brasil</sup> com Raízes

A Nação chegou a este paradoxo: os preços elevam-se em níveis recordes — os maiores em 40 anos — a despeito das altas taxas de juros e de uma arrecadação sem precedentes de impostos pelo Tesouro.

Há uma espécie de desafio à lógica econômica, que postula, segundo os manuais, uma queda nos preços quando os juros são suficientemente caros para inibir os empréstimos — e, portanto, qualquer tendência à estocagem ou manobras especulativas. Isto, combinado com uma conta superavitária no Tesouro, seria suficiente para emperrar as engrenagens inflacionárias.

O que não funciona entre nós?

O Estado, sem dúvida. A máquina estatal. O que se arrecada, de um lado, pelo aumento da eficiência do Imposto de Renda, esvai-se, de outro, pelo financiamento de despesas de empresas deficitárias, pela necessidade de cobrir despesas de custeio dentro da própria estrutura federal ou transferir dinheiro para Estados e municípios inchados com gastos também de custeio.

É verdade que a sorte não tem ajudado. Uma seca no Nordeste combinada com enchentes no Sul é uma dose dupla capaz de excitar quaisquer estatísticas de preços. Mas será só isso?

O que caracteriza o ambiente econômico e empresarial brasileiro neste momento é a falta de horizonte. Isto se traduz na esfera salarial, por exemplo, na medida em que ninguém sabe qual o desfecho dos compromissos políticos assumidos pelo partido do Governo com a Oposição, nem qual o grau de coerência do próprio PDS em torno da questão salarial. Incerteza é também o que se pode sentir sobre o controle das estatais dada a possibilidade de descontinuidade de estratégias políticas no interlúdio de Cleveland. De nada adianta o Ministério do Planejamento propor e encaminhar um bem articulado sistema de controles orçamentários e dar demonstrações de eficiência da máquina arrecadadora se a outra ponta do sistema — a que se encarrega dos gastos — encontrar mil e um artifícios para aumentar os rombos pelos quais vai-se embora o dinheiro dos contribuintes. E, o que é pior, gastando-se com graus de eficiência discutíveis.

Modificar esse quadro é algo que somente será possível com firmeza de comando político. Porém além desse horizonte há outro, igualmente sério e preocupante: o dos problemas estruturais que caracterizam a inflação brasileira.

Esses fenômenos já foram reconhecidos por economistas que nada têm do velho ranço “estruturalista”. É uma verdade elementar que se os brasileiros voltam-se para culturas como a cana-de-açúcar, produzindo o que antes era alimento para agora se transformar em combustível, e, portanto, ser queimado, então estamos tirando espaço e comida da mesa dos indivíduos. Isso nos remete a outro problema estrutural grave, que é o petróleo. Estamos gastando nada menos que 9 bilhões de dólares por ano com óleo importado, o que equivale a mais da metade do valor das nossas importações. Plantamos cana em lugar de comida para cobrir uma parte do rombo deixado pelo petróleo em nosso orçamento cambial. Como posicionar a Nação diante de dilema tão grave e tão pouco comentado? Poucos economistas têm devotado a merecida atenção a esse problema. Entre eles encontra-se o Professor Adroaldo Moura, da Universidade de São Paulo, que levantou a voz para clamar por medidas estruturais sérias e drásticas nessa área.

Mais, muito mais do que tem sido feito até agora é necessário. Ou estaremos continuando a insistir em manter uma parte do campo atrelada a um processo produtivo que não atende às necessidades básicas do povo nas cidades. Olhe-se o que aconteceu com os preços dos gêneros essenciais no mês passado e uma parte do fenômeno inflacionário estará explicado. Já que não é possível convencer o povo a comer sopa de soja — nem existem brioques — é preciso plantar feijão, arroz. A dieta de cada dia do homem comum.

Dar um tiro forte e firme nessa inflação desvairada, que coloca em dúvida a estabilidade do nosso sistema econômico, é algo urgente e mais que necessário. O caminho de sua correção está em um conjunto de medidas que irá requerer um enorme esforço nacional. Há convencimento do lado dos empresários de que isso deve ser feito com urgência. E urgência máxima.